

RUBEM BRAGA

Militares e Civis

TERIA dito o General Afonso de Albuquerque Lima, Ministro do Interior, que as Forças Armadas são as únicas instituições capazes de realizar as reformas profundas — econômicas e sociais — que o País reclama, citando a questão da reforma agrária. Acha que somente as Forças Armadas, por não terem compromissos com grupos ou interesses financeiros, poderão tornar realidade a mudança da situação no campo.

Eu entendo o que o General quer dizer, e, embora não o conheça, imagino que seu pensamento vem de raízes tenentistas ou nasseristas. Na verdade um grande número de nossos parlamentares depende, para sua eleição, dos votos do interior, votos esses em grande parte controlados pelos donos das terras. Seria quase um suicídio político, para um desses parlamentares, desagravar o «Coronel» que mandou votar nele. Em contraposição a isso, o militar, quase sempre oriundo da classe média urbana — e de suas camadas mais modestas — não se sente preso a esses compromissos e pode agir segundo o que supõe ser mais conveniente à Nação.

O raciocínio é, sem dúvida lógico, mas é preciso ver se ele funciona na realidade. E a realidade, há de reconhecer o General Albuquerque Lima, é que a opinião pública não tem, até o momento, nenhum motivo para confiar na eficiência das Forças Armadas, para empreender as reformas de que o País necessita. Pelo contrário: falando objetivamente, o que existe e se agrava, no seio da opinião, é o sentimento de que os militares são contra o povo, aborrecem e desprezam o civil; de que são incompetentes para muitos cargos que assumiram nos últimos anos; de que são tão fáceis de enganar e corromper quanto as autoridades civis; de que têm a mania de «manter a ordem e a disciplina» mas eles próprios são indisciplinados, desprezam a lei quando ela os contraria, e estão constantemente a se manifestar sobre assuntos que não lhes concernem, e, sobretudo a confabular, preparar golpes, e conspirar.

Quando vemos o próprio Ministro do Interior tratar de assuntos ligados ao clero e à educação sexual precisamos convir em que tais críticas nem sempre são sem motivos. Seria altamente estimável que a população do País tivesse confiança nas Forças Armadas: que todo cidadão visse em cada homem fardado um irmão armado, para garantir o cumprimento da lei. Infelizmente — eu o digo com tristeza — a imagem do militar deteriorou-se aos olhos da população: ele é o todo poderoso que pode enfrentar e humilhar a autoridade civil e pretende que a farda que veste o faça intangível.

Imagino que isso doa aos militares dignos e patriotas, homens que têm uma vida severa e sacrificada a serviço da Nação. É preciso fazer alguma coisa para evitar que se aprofunde essa fossa entre militares e civis, que só pode prejudicar gravemente o Brasil. A reforma agrária? O IBRA está hoje em mãos de militares; que esperam eles?

A representação contra o Deputado Márcio Moreira Alves mostra que os dirigentes das Forças Armadas levam as suas suscetibilidades a um ponto exagerado, e deflagram uma crise do regime por causa de um pequeno discurso que, sem isso, passaria despercebido.

Esperemos que o tempo faça voltar o bom senso, e não se adotem atitudes que só possam servir aos radicais da direita ou da esquerda. É preciso reconhecer que se o Deputado carioca foi imprudente, ele o fez sob o impacto emocional de um verdadeiro crime praticado por altas autoridades das Forças Armadas: a invasão da Universidade de Brasília e as violências contra os estudantes e as instalações. Como querer preservar uma boa imagem dos militares diante dos civis quando todos sabem que as tropelias desse tipo, iguais a muitas outras já cometidas e que ainda se cometem, ficam totalmente impunes?